

narrativas e poema

O ‘NOVO’ ANJO DA HISTÓRIA

José Ricardo Menacho¹

I. A ascensão

Não vivia no mundo dos sonhos, da lua ou da imaginação, embora de vez em quando parecesse que estivesse sobrevoando cada um desses lugares. Procurando compreender o caso, e conversando com alguns especialistas sobre o assunto, sendo bem sincero, eu não sabia dizer se ele era um mentiroso insistente ou um delirante reincidente. Porém, no final das contas, após observar, mui atentamente, suas atitudes, aparições e espetáculos, acabei ficando com a segunda opção. Ele delirava.

Não à toa, com o tempo, ele passou a ser conhecido pelos que o encontravam por Senhor “D”. Acho que ele não sabia que o “D” de seu apelido fazia referência à sua própria personalidade, era um rotundo e maiúsculo “D” de delírio. Assim passou a ser chamado. Eu nunca soube ao certo seu nome de cartório, suas origens, referências familiares e onde havia nascido. Não por ser um grande mistério, tampouco por ter vergonha de perguntar a ele a respeito, mas porque, pela jornada que decidiu trilhar, de acordo com os seus

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT. Professor do Curso de Direito da UNEMAT. E-mail: menacho@unemat.br

posicionamentos filosóficos [um tanto singulares e acrobáticos], esses pormenores não faziam muita diferença. Por mais arrogante que possa parecer, quem ele foi não tinha mais valor.

Do nada, a pedido de ninguém, começava a teorizar. Embolava, ia, voltava, costurava, inventava e criava explicações “paralelas” e “genéricas” sobre o passado, o presente e o futuro. Não apresentava documentos ou qualquer outra prova sobre as suas declarações, nem se dava ao trabalho de correr atrás disso, não tinha tempo, muito menos paciência, era um homem de profecias, e não de justificativas. A cada revelação recebida, sentia que precisava levar as [suas] “boas-novas” ao infinito, aos quatro cantos da Terra ou, pelo menos, a algumas esquinas do bairro que costumava frequentar. Seus desatinos não conheciam fronteiras:

— O Marechal Deodoro da Fonseca não estava no território nacional, no dia da Proclamação da República, em 1889. Mais uma vez nos enganaram! Ele estava em Istambul, na Turquia, participando de uma reunião ultrassecreta, na companhia de alguns cavaleiros templários remanescentes, ainda na ativa desde a última cruzada, representantes bolcheviques, apressados em regressar à Rússia para finalizar a revolução, e um grupo de agentes secretos de Gengis Khan, reagrupados novamente para transpor a muralha da China e reunificar o império mongol. Estavam lá, amoitados, discutindo, na calada da noite, a implantação do *globalismo*, um plano satânico que marcaria o início de uma nova era, uma nova forma – mais eficaz – de dominar o mundo.

As já manjadas acusações de planos globais de dominação do mundo, naturalmente, não poderiam faltar como ingredientes a salgar e a apimentar as suas intervenções.

Notei que os temperos fortes, aqueles bem marcantes, inconfundíveis, eram muito presentes em seus expedientes delirantes. A impressão que eu tinha era a de que ao utilizá-los – às vezes: um saco de discórdia, um punhado de negacionismo, cinco colheres de intrigas, três copos de oportunismo e um fardo de mau-caratismo – o seu combo circense de encenações ganhava mais

emoção e dramaticidade, o que contribuía tanto para renovar os votos daqueles que já haviam sido levados no papo, quanto para ampliar o radar de captura. Pelo cheiro, as especiarias atraíam para perto os apoiadores em potencial [dos mais diversos perfis e status]; depois da primeira garfada, contagiavam o paladar de cada um e anulavam os seus outros sentidos; e, por fim, pelo excesso, condicionavam os apoiadores já convertidos a somente – e tão somente – ouvir uma única música, a sentir um único toque, a perceber um único aroma, a experimentar um único gosto e a ver uma única paisagem. Um golpe de mestre!

Acusar, então, era um dos temperos favoritos do Senhor “D”. Não exigia maiores explicações ou responsabilidades, podia ser ministrada à vontade, bastava apenas mirar o alvo e, numa tacada só, atacá-lo, sem lei e sem documento, com uma saraivada de impropérios, difamações e calúnias. Ele, no entanto, sempre se esquecia de que quando se apontava o dedo para uma pessoa, atribuindo a ela uma situação que nunca aconteceu, os riscos de ser traído pelas próprias palavras e pelas armadilhas lançadas eram altos, uma vez que suas ambições e seus esqueletos ficavam em evidência, à mostra.

Com requinte de detalhes, ora fantasiando e distorcendo os fatos – ponto de partida de todas as suas falas – ora misturando alguns personagens, datas e episódios históricos, como recursos para dar credibilidade ao que dizia, desandava a pregar sobre tudo e sobre todos:

— A descoberta da [tal] reunião ultrassecreta e de seus propósitos foi um marco. Quando eu estava me inteirando um pouco mais sobre essa passagem, meus *informantes*, sempre muito atentos e engajados, sopraram para mim quem havia sido o responsável por trazer à tona as bandalheiras daquele grupo de canalhas. Eu, evidentemente, fiquei surpreso quando soube.

Para causar impacto e um pouco de suspense, represava por alguns segundos seus informes. Respirava fundo, e, com uma cara de espanto, revelava o que faltava:

— Cristóvão Colombo! Simmm, ele mesmo, aquele das caravelas, das grandes navegações. Lembram-se?

Vendo, muitas vezes, a incredulidade estampada na cara de seus ouvintes – alguns, inclusive, revirando os olhos e outros bocejando – tentava, a todo custo, agregar aos seus relatos efeitos especiais, tempestades, trovoadas, músicas dançantes, alguns figurantes que caíam em sua lábria e mais algumas viagens na maionese:

— Colombo estava de passagem por Istambul por conta de um mochilão rumo ao Oriente. Segundo me contaram, ele curtia muito passear por aí, conhecer novas culturas, bater perna. Então, em uma calorosa noite turca, enquanto caminhava pelo centro da cidade em busca de um restaurante, notou uma movimentação estranha em frente a um hotel de luxo. Seu espírito aventureiro o fez parar e investigar. Por entre as janelas e frestas, valendo-se das habilidades de espionagem, adquiridas em seu árduo treinamento no FBI, no período em que fez o *High School* nos Estados Unidos, conseguiu identificar os participantes da reunião e ouvir seus planos. Empolgado com as informações, e não conseguindo segurar a língua, voltou rapidamente para o albergue onde estava hospedado, pediu emprestado caneta, tinta e papel para o recepcionista e redigiu várias cartas para os jornais mais badalados dos cinco continentes contando o ocorrido. Pena que essas cartas não chegaram aos seus destinatários. Pra variar, a maioria foi interceptada, outras, perderam-se pelo caminho, e, uma, por sorte, chegou às mãos de meus *informantes*.

Aqueles que ainda o escutavam, acreditando naquelas explicações estapafúrdias, ou porque estavam seduzidos pelos seus talentos de encantador de serpentes, ou, quem sabe, porque estavam tentando, a partir daquelas ideias, purgar suas próprias frustrações com a vida, também aproveitavam a oportunidade para palpitar:

— Será que o Deodoro estava planejando uma revolução

vermelha? Ahhh, aquele Deodoro, nunca me enganou! Com aquela barba por fazer e aquele jeitão despojado, com certeza, era amigo do Fidel.

— Fiquei sabendo que ele não era muito confiável. Meu vizinho me disse que ele puxou o tapete do Imperador. Ai! Não gosto nada nada de gente assim.

— Pois é, ainda bem que ele foi descoberto. Soube que ele fez horrores na guerra do Paraguai. Comunista!

Tinha resposta para tudo. Vinha com a cartilha pronta. E o que não sabia desenvolver muito bem, apelava – e como apelava – com muita perspicácia, para a fé das pessoas, suas crenças, suas inseguranças, seus ressentimentos, suas fragilidades e seus “sentimentos patrióticos”. Sorrindo, forçando um certo carisma, buscava, como uma máquina, conceitos e palavras que pudessem mexer com os ânimos de todos. Queria aumentar o rebanho e fazer escola, queria converter seguidores em discípulos. Esse era o mix de estratégias para disfarçar o seu vazio de conteúdo e jogar para a galera aquilo que queria reprimir ou exaltar. Disposição para colocar o dedo na ferida e tratar, com coerência e honestidade intelectual, dos problemas que constituíam a sua realidade, nenhum sinal, nem de fumaça, nem de Wi-fi.

– Deodoro e seus comparsas queriam destruir a família tradicional brasileira. Nossos valores, o que amamos [...]. Subversivos! Em vez de incentivarem as nossas crianças a serem dóceis e bem mandadas, queriam provocá-las a pensar e a transformar a sua comunidade. Bandidos! Mas não só. Até contra a nossa sagrada bandeira nacional pretendiam agir. Queriam pintá-la de rosa, a cor de seu movimento, mas, como vocês sabem, se depender de nós, e precisamos bradar bem forte, a nossa bandeira jamais será rosa!

Ele acreditava, com todas as suas forças, naquilo que dizia. Seu semblante derramava “certezas” quando desandava a falar

sobre o que lhe agradava. Sua voz se alterava e, especialmente, os seus argumentos – já escassos – eram substituídos por xingamentos e termos grosseiros, muito em função da ausência de sustentação de suas histórias. Adotava, não nas melhores acepções, a política do “quem não tem cão, caça como gato”. Se não tinha o que dizer, ou se se via encurralado, acuado, pego na boca da botija por suas invenções despuadoras, xingava.

As teorias [da conspiração] que disseminava, não partiam dele, não eram produtos de sua “inteligência”. Sua “criatividade” funcionava somente para encompridar o assunto e para torná-lo ainda mais mirabolante e confuso. Mapeando uma fala ou outra, facilmente, encontrávamos suas fontes: as redes sociais. Sem maiores cerimônias ou questionamentos, ele se alimentava, no dia a dia, a partir das “mensagens” e “manifestações” [quase sobrenaturais] que recebia de seus contatos e amigos virtuais.

Seguia o fluxo. Ao receber algo que lhe despertasse simpatia, tendo lógica ou não, fazendo sentido ou não – até porque já não discernia mais entre o que era “realidade” e o que era “ficção” – de imediato, repassava as “novidades”. Agia como um “porta-voz voluntário” de uma causa. Sentia em seu íntimo [a partir de muitas inculcações, é claro], que estava predestinado a fazer o que fazia, a dizer o que dizia, a espalhar o que espalhava, a qualquer preço. Via-se no espelho como um “arauto da verdade”, um profeta de um novo tempo, que de novo não tinha nada – tinha é muito de velho – mas ele não se dava conta, reproduzia somente o requeitado, o não aconselhável, o que há gerações já estava carcomido.

– Sou um patriota convicto! É um sentimento que pulsa dentro de mim. E posso provar o que estou dizendo. Vejam só, todos os dias, antes de sair de casa, com muita concentração, declamo o hino nacional, estrofe por estrofe, como se fosse uma oração. Tenho adesivos temáticos da bandeira nacional pregados nos meus objetos de uso pessoal, tenho uma camiseta verde amarela da CBF para usar nas manifestações contra a corrupção e, recentemente, pedi à minha costureira uma faixa verde e amarela sob medida, parecida com aquela das posses presidenciais, para que eu use nos eventos

sociais. Quer mais patriotismo que esse? É por isso que quero e luto para que tudo fique como está, em ordem. A ordem é mais importante do que tudo. Enquanto as pessoas não aprenderem, como patriotas, a ficarem em seu devido lugar, e dele não sair, fazendo o que devem fazer, segundo as suas condições econômicas e classes sociais, o progresso nunca baterá na porta desta Nação.

Era curioso que o que ele recebia pelas redes sociais tinha mais peso do que as reflexões desenvolvidas, anos e anos a fio, por cientistas, pesquisadores e estudiosos. Não sei qual era a mágica ou o poder que a tela do celular exercia sobre ele, pois tudo o que via ali, “materializado virtualmente”, era tratado como de confiança, como algo seguro. A obsessão era ainda maior quando se tratava de um vídeo gravado por algum “profissional” aleatório – alguém que se dizia ser, e até às vezes, de fato, poderia ser, um médico, um historiador, um economista, um jurista – cujo ponto de vista compartilhado reforçava o seu. Nesses casos, não tinha dúvidas, o que estava sendo dito era sagrado e precisava ser divulgado.

Da Biologia à História, nada escapava de sua opinião [um tanto problemática, para dizer o mínimo]. Falava [ou tentava falar] sobre tudo, mas, na verdade, não falava sobre nada. Um perigo, pois começava a realizar seu grande sonho, seu número de discípulos estava aumentando, afinal, quem disse que o disparate não costumava gerar público? E, para além disso, um outro perigo também estava à solta, a redução da ciência, da política, da saúde e da educação a uma questão banal de opinião: “Se é isto ou aquilo, eu não sei, desconfio, porque, na minha opinião, é...”.

II. A queda

Mesmo armado até os dentes com teses e orientações extraterrestres, que poderiam fazer sérios estragos na sociedade, suas artimanhas verborrágicas, felizmente, não prosperaram, foram derretendo. Suas tentativas de voltar aos holofotes, com base em supostos vazamentos apocalípticos e visões catastróficas, tampouco lhe trouxeram algum destaque na mídia. Os motivos de sua queda

livre foram variados.

Não sei precisar, se, depois de alguns anos, o absurdo que cultivava ficou tão insano que aqueles, que, com entusiasmo, antes o aplaudiam, envergonhados, recolheram-se, e, rapidamente, foram buscar outro “salvador”, um que, pelo menos, fosse um pouquinho mais discreto e “pé no chão”; um que desse, portanto, para acobertar e proteger, sem que as suas contradições e a sua falta de decoro ficassem tão gritantes, tão nítidas, e daí fosse necessário buscar, novamente, outro para ocupar aquele posto.

Pois é, sobre essa última situação, por mais trágicas que tenham sido as experiências, percebi, com uma certa tristeza, que continuarei a encontrar, sem muitas dificuldades, pessoas que, independentemente das desilusões passadas, permanecem procurando um novo ídolo para chamar de seu. Alguém que consiga reunir características adequadas, segundo um ideal estabelecido [que nunca será alcançado], e, que corresponda às aspirações autoritárias e reacionárias mais íntimas daqueles que lhe dão crédito. Sujeitos assim, não querem e não aceitam quaisquer mudanças. Ao contrário, querem um representante, seja em qual campo for, que cuide de seus interesses e mantenha tudo como está, como deve ser sempre e para sempre.

Mas voltando ao caso específico do Senhor “D”, não sei precisar, também, se, depois de alguns anos, outros, do mesmo naipe que ele, numa disputa de espaço, souberam ativar o “superpoder” do empreendedorismo e tornar os delírios em um negócio mais lucrativo, com planos um pouco mais realistas e acessíveis, comendo pelas beiradas, desta vez, e não já de cara, anunciando, pelas entrelinhas, seus desejos e pretensões de tomar o poder.

Enquanto o Senhor “D” ainda fazia aparições gratuitas e peregrinava pelos bairros, seus concorrentes, os novos empreendedores [das trevas, ousou dizer], decidiram profissionalizar a atividade. Avaliando as condições e animados para explorar, de forma mais robusta, um nicho de mercado nascente, criaram pacotes de narrativas tresloucadas e inverossímeis, organizados por temas e com planos de acesso semanal e mensal para assinatura. Assim, com liberdade e na comodidade de seu lar, de acordo com

as suas preferências, os interessados podiam aprender sobre: “a relação entre a pandemia e o Triângulo das Bermudas”, “o marxismo quântico e o marxismo astrológico”, “as vacinas e os chips eletrônicos”, “as urnas eletrônicas e a volta de Conde Drácula”, “os partidos políticos e o retorno de Jedi”. O golpe dos golpes de mestre!

Parte, então, pelo excesso escrachado, e não comedido, e parte pela concorrência “desleal”, que o solapou, o Senhor “D” acabou sendo tragado por seus delírios. Não tinha mais referências, perdeu-se de si e do mundo, fundiu-se com a sua própria criação, virou *fake News* e se dissipou no ar.